

(2010) **LEONOR SAMPAIO SILVA, *UM PACTO COM AS ARTES.***

PONTA DELGADA, ACADEMIA DAS ARTES DOS AÇORES.*

Isabel Soares de Albergaria – Departamento de História Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores.

Saúdo a actual direcção pela iniciativa que teve de encomendar e produzir esta obra, assinalando os 30 anos de vida da Academia. É um marco histórico de uma instituição que chegou à vida adulta, longe já dos primeiros passos balbuciantes, com provas dadas e uma longa história para contar. Justifica-se pois o balanço. Mas não apenas numa visão retrospectiva. A razão mais premente para a exis-

tência deste livro é alimentar uma visão prospectiva, lançar-se no futuro com a confiança que lhe dá o caminho percorrido. Um acto celebrativo é sempre, afinal, o reconhecimento individual e colectivo da importância presente de determinado acontecimento ou instituição. Como confirmação do presente, afirma-se contra o esquecimento. Bem ajam por isso. Saúdo também a autora Leonor Sampaio da Silva pelo excelente trabalho que produziu. «Pôr ordem no caos» – começa por dizer – constitui uma tarefa paciente e disciplinada de orde-

* Texto de apresentação pública da obra, realizada na Academia das Artes de Ponta Delgada a 3 de Novembro de 2010.



namento da matéria. Matéria, neste caso, constituída por um monte de papeis, caligrafias, imagens, e testemunhos. Os resíduos que ficaram de acções concretas, realizações, reflexões, pensamentos e projectos não realizados. Como qualquer historia o que resulta não é a reposição do passado mas a versão possível de um passado revelado pelos vestígios que deixou.

Mais do que isso – adverte ainda autora – «pôr ordem no caos» constitui um acto de atribuição de significados não podendo, por isso, subtrair-se à presença subjectiva de quem selecciona, comenta e interpreta os dados disponíveis. O olhar que segue o trajecto da arte é um olhar interessado, que se modifica, intervém e participa dos diálogos com palavras ditas e impressas. No desejo expresso pela autora «Neste sistema de vasos comunicantes que vincula a produção à recepção e destina a palavra à conversa alargada com os leitores, espera-se que a escrita ilumine a matéria, sem a distorcer ou ofuscar». E fá-lo, sem dúvida. Faz ainda outra coisa que me parece essencial: recupera e integra um percurso traçado por diversos protagonistas, balizado por opções e convicções nem sempre coincidentes, alimentado por reflexões diversas, procurando explicitá-los no devido contexto. É importante, parece-me, que um texto que fala da activida-

de artística supere a tentação tantas vezes verificada para partir de um grau zero, anulando intencional ou inadvertidamente o que já foi pensado e escrito com seriedade sobre o assunto. Tal não acontece com este livro.

Páginas inspiradas sobre a acção e a personalidade de Luísa Constantina, fundadora da Academia Livre das Artes, abrem o primeiro capítulo da obra. Sobre as dificuldades que Luísa Constantina a cada passo encontrou para a concretização do seu propósito diz a autora foram «pedras cuja dureza venceu não com força, mas com persistência» Mentora, instigadora, e facilitadora de talentos, ressalta do retrato vivo de Luísa Constantina, a aura que permanecia [e permanece] após a sua presença. Na comovida homenagem que lhe dedica, Leonor Sampaio termina com estas belas palavras: «À semelhança dos atlantes que esculpiu, nenhuma poeira ficou da areia fina das pequenas derrotas na pedra em que gravou o seu desejo para o futuro da arte nos Açores. Pelo contrário, dela ficou a memória dos gigantes. E um legado de promessas a cumprir.»

O programa de actividades a que a Academia livre das Artes se propôs pautava-se pela ambição e por uma visão abrangente de intervenção cultural. No ano de 1979 o diagnóstico acerca da situação cultural de S. Mi-

guel estava traçado: o isolamento da ilha face ao mundo exterior constituía o seu traço mais marcante. Esta condição, acreditava o grupo fundador, oferecia algumas possibilidades e outros tantos constrangimentos que era necessário compreender e superar. Para tanto previa-se a criação de grupos de trabalho ocupados com a pesquisa histórica, etnológica e arqueológica (curiosa esta vertente da arqueologia que conhecia nesse período alguma actividade pela mão do Dr. Sousa de Oliveira), com a arquitectura e descoberta do espaço, com a animação artístico-cultural, além dos Ateliers de formação artística e artesanal.

No ano seguinte a Academia Livre das Artes seria formalmente constituída e o seu plano de acção posto em pratica na medida do possível e das limitações humanas e logísticas que então eram gritantes. A visão de Luísa Constantina, como se percebe, procurava aliar a actividade artística ao estudo, defesa e divulgação do património (nesse domínio prepararam-se diversos processos de classificação de imóveis) e uma segunda aliança entre as artes plásticas e as produções artesanais, considerando estas uma parte essencial da cultura e património popular local.

É sintomático que – como muito bem salienta e explora a autora no capítulo II do livro – estas linhas progra-

máticas tenham traçado uma matriz que orientou a acção de sucessivas direcções, mesmo quando pretendiam distanciar-se e entrar em ruptura com o programa fundador. A afirmação de uma linha que intensificasse a dimensão erudita e contemporânea da produção artística da, já então, por alteração de estatutos, Academia das Artes dos Açores, torna-se evidente a partir de 1997. Leonor Sampaio Silva fala de uma pequena revolução operada no seio da Academia, salientando as facções de apoiantes e detractores que a nova orientação ocasionou.

Alguns dos sonhos mais persistentemente perseguidos nunca chegaram a ser alcançados. Tal é o caso da formação artística graduada que promessas e acordos de parceria com diversas instituições – caso da ESBAL, primeiro, Universidade dos Açores e ArCo, depois – mostraram-se votados ao fracasso. Outros, pelo contrário, foram ganhando forma e afirmando-se pertinazmente, como acontece com a consolidação e melhoria das instalações da casa (longe de serem perfeitas, como todos sabem). A verdade é que o corpo directivo da Academia das Artes, desde a saída de Luísa Margarida Gago da Câmara e Liliana Lopes, cuja disponibilidade e dedicação aos assuntos da Academia nunca será demais exaltar, debate-se com um problema insolúvel: a impossibilidade de dedicação mais intensa

por parte dos membros da direcção, aperreados na sua capacidade de actuação pelo regime de voluntariado em que continua a funcionar. O caminho futuro da Academia tem que passar, a meu ver, por alguma forma de profissionalização.

No III capítulo da obra, que abre com o sugestivo título de «Um osso atirado para o espaço: Movimentos, paragens e emoções», Leonor Sampaio segue as movimentações concretas e mais abstractas, sensíveis e emotivas vividas no ambiente cultural da ilha. Partindo da imagem cinematográfica do osso atirado pelo símio com que se inicia o «2001 Odisseia no Espaço» do consagrado Standley Kubrick, a autora pretende estabelecer um paralelo óbvio com as consequências que a Academia das Artes trouxe para o futuro das artes nos Açores. Na verdade esse osso que teria para o símio o valor de se ter reconhecido, pela primeira vez, como sujeito agente de cultura e criador de arte, ganha para o ambiente cultural de S. Miguel o sentido de um primeiro gesto de afirmação em favor do ensino artístico e de uma visibilidade para as artes (sobretudo para as artes plásticas) que não existia até então. (Lembro que o ensino artístico só na década de 70 tinha entrado no programa de cursos do liceu Antero de Quental, o único que à data oferecia tal área de estudos). Mas o ensino artístico viria

a ser um dos mais custosos projectos da Academia como salienta a autora e se demonstra pela história da ADA, que acrescenta com humor: «o osso caíra num espaço habituado à lentidão!»

Uma detalhada e bem documentada viagem pelas artes produzidas, expostas e recebidas pelo público e pela crítica (diga-se praticamente inexistente) ao longo de mais de um século – uma vez que autora recua aos finais do século XIX e às primeiras mostras de Artes e Industrias organizadas pela Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense – faz desfilar perante o leitor nomes de referência e obras marcantes do panorama artístico local. Demonstrando profundo conhecimento dos caminhos trilhados pela arte contemporânea gerada nos centros de vanguarda, a autora confronta e interpreta as sucessivas manifestações locais de aproximação e de recusa incompreendida perante tais expressões da vanguarda artística. Conclui pela estranheza causada por essa arte contemporânea na sua expressão mais abstracta, intelectualizada e urbana.

Chegamos ao IV e último capítulo que a autora designou por «brevíssimas Imagens: a vida íntima de uma Academia de Artes». De todas as histórias da ADA com o seu rol de sucessos e de infortúnios é esta a que eu prefiro.

Destaca-se o espaço consagrado ao Simpósio Internacional de Escultura em Pedra ainda organizado pela fundadora Luísa Constantina e que abalaria o ambiente cultural micaelense com a força dos movimentos sísmicos. A vinda a São Miguel de escultores de renome internacional como os japoneses Minoru Nizuma e Ohari Hiroshi ou o casal americano Silvi Davenport e Thom Janusz geraram grandes expectativas no meio local. Mas o trabalho de concepção ecológica e as peças rudes, de execução mal acabada (ou mal começada), deixadas na ilha, bem como os locais de colocação designados pelos seus autores, motivariam uma profunda e prolongada incompreensão, incompreensão que, diga-se, dura até hoje.

Depois do episódio controverso do Simpósio da Pedra, a indignação desencadeada por outras realizações de arte contemporânea apresentadas pela Academia das Artes, não se revelaria de forma tão intensa. Como num desejo de apaziguamento com o escândalo anterior, os comentários dispensados pela imprensa local pautaram-se, aliás, por um tom uniforme de aprovação amável.

Muitos nomes e importantes eventos são citadas pela autora neste livro, das exposições de artes plásticas, às mostras de arquitectura, performances de música e teatro. A expressão rigorosa e evoluída dos textos que comentam

e acompanham o percurso traçado pela produção visual, estabelece-se em correspondência directa com as imagens e carregam-nas de um novo e pleno sentido poético. As belíssimas passagens com que Leonor Sampaio descreve alguns dos momentos criativos da ADA preenche essa função sacralizadora da arte, retida mais pelos discursos sobre ela do que nos objectos artísticos contemporâneos os quais, como explica a autora, foram irremediavelmente atirados para um quotidiano que não distingue entre o útil e o artístico. A representação textual com que são apresentados alguns dos objectos artísticos expostos na ADA é acompanhada – diga-se de passagem – por uma imagem fotográfica cuidada e conscientemente utilizadora de um efeito visual atractivo. Eis um aspecto não pode ser esquecido na apresentação (no duplo sentido) desta obra.

E acabo como comecei: celebrar os 30 anos da Academia é lembrar as pessoas que sonharam e deram forma a este projecto, todos os que (e foram muitos) sentindo-se motivados e atraídos por ele «não se conformaram ou, simplesmente, não souberam ser conformistas», como escreve Victor dos Reis no prefácio do livro. Mas é também, e acima de tudo, a afirmação de um compromisso presente para com a continuidade futura do legado destes trinta anos, alargando-o

a novos horizontes. Só assim adquire sentido este livro e o seu *Pacto com as Artes*.

Recuperando um verso de Mário Dionísio que a autora convoca, termino com os votos formulados pela Leonor

a que se unem, certamente, todos os aqui presentes: “nada pior que a casa deserta / sozinha, sozinha”, aqui recorda-se e celebra-se uma casa cheia para que ela nunca se apague na solidão. ISABEL SOARES DE ALBERGARIA